

Mussa Kuraiem: um intelectual fronteiro entre a tradução do mundo árabe e os estereótipos orientalistas

Christina Queiroz¹

Resumo: Com base na análise de temas que permeiam a trajetória da revista *O Oriente* - editada de forma ininterrupta de 1927 a 1974 pelo jornalista brasileiro de origem síria Mussa Kuraiem - a proposta deste artigo é evidenciar suas contribuições e contradições para o processo de construção do imaginário sobre os árabes no Brasil. Os colaboradores da publicação se propuseram a explicar para o público local a história e os embates geopolíticos de países do Oriente Médio, mas valeram-se, em muitas situações, de vieses exotizantes para relatar e interpretar os acontecimentos. Autores da segunda geração de imigrantes árabes em atividade no século XX, como Kuraiem e o poeta, tradutor e crítico literário Jamil Almansur Haddad, atuaram como mensageiros entre mundos no diálogo entre países árabes e o Brasil, utilizando, também, narrativas orientalistas como estratégia para dar vazão a imagens hedonistas. Este texto busca, ainda, indagar e trazer reflexões preliminares sobre os motivos pelos quais esses intelectuais fronteiros são escassamente citados em livros centrais da historiografia literária brasileira, mesmo considerando a amplitude de sua produção, o trabalho de tradução do conhecimento sobre o Oriente Médio, mesmo que com limitações, e os impactos no processo de renovação da literatura árabe.

Palavras-chave: Diáspora; Imigração; Mahjar; Mussa Kuraiem; Jamil Almansur Haddad; Historiografia literária.

MUSSA KURAIEM: A BORDER INTELLECTUAL BETWEEN THE TRANSLATION OF THE ARAB WORLD AND ORIENTALIST STEREOTYPES

Abstract: Based on an analysis of the themes that permeate the trajectory of the magazine *O Oriente* — edited uninterruptedly from 1927 to 1974 by the Brazilian journalist of Syrian origin Mussa Kuraiem — this article aims to highlight its contributions and contradictions in the process of constructing the imaginary about Arabs in Brazil. The magazine's contributors sought to explain to the local audience the history and geopolitical struggles of Middle Eastern countries, but often relied on exoticizing perspectives to narrate and interpret events. Authors from the second generation of Arab immigrants active in the twentieth century, such as Mussa Kuraiem and Jamil Almansur Haddad, acted as messengers between worlds in the dialogue between Arab countries and Brazil, also using orientalist narratives as a strategy to convey hedonistic images. This article further seeks to raise preliminary reflections on the reasons why these frontier intellectuals are scarcely mentioned in major works of Brazilian literary historiography, despite the breadth of their

¹ Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), pesquisadora da Cátedra Edward Said, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), jornalista da revista Pesquisa FAPESP <https://revistapesquisa.fapesp.br/autor/christina-queiroz/> e diretora de comunicação do Instituto da Cultura Árabe (Icarabe). Autora de *A Lua do Oriente e Outras Luas* (Ateliê Editorial, 2022), livro que é resultado de tese premiada pela USP. E-mail: queirozchris@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7614-5340>.

production, their role in translating knowledge about the Middle East – albeit with limitations – and their impact on the process of renewal of Arab literature.

Keywords: Diaspora; Immigration; Mahjar; Mussa Kuraiem; Jamil Almansur Haddad; Literary historiography.

*Em Damasco, o aspecto oriental da cidade desapareceu por completo para dar
lugar ao que é moderno.*
(Mussa Kuraiem, *Aconteceu em Damasco*)

*Como romance de estreia o livro (...) houvera impressionado bem, em especial pela
preocupação em ventilar novo e perigoso tema dos sírios no Noroeste de São
Paulo.*
(Sérgio Milliet, *Diário Crítico*)

Introdução

A produção literária e jornalística de autores de ascendência árabe nas Américas foi documentada e analisada por diferentes estudos. Nos Estados Unidos e em países latino-americanos, imigrantes e seus descendentes começaram a criar jornais e revistas, editar livros e formar ligas literárias no final do século XIX. Em 1900, essa produção era tão intensa que se falava na existência de uma literatura árabe no Brasil. Até meados dos anos 1940, o país contava com cerca de 400 escritores e poetas com essa origem em atuação (Safady, 1949, p. 11). As publicações abordavam assuntos relacionados ao Oriente Médio, tratavam da geopolítica global, cobriam conflitos e guerras, além de questões literárias da Europa, do Brasil e de nações árabes. Também publicavam textos de ficção e poesia de autores como os irmãos Chafiq Maluf (1905-1976) e Fawzi Maluf (1899-1930). Essas produções, denominadas literatura do *Mahjar* - termo em árabe que faz referência às regiões de imigração nas Américas (Martínez Lillo, 2009, p.351) - colaboraram para impulsionar o Renascimento Árabe, ou *Nahda*. Para alguns autores, a *Nahda* teve início com a ocupação napoleônica do Egito, em 1797 (Vernet, 2002, p.217). Outros consideram que esse processo se iniciou entre o final do século XIX e o começo do XX, quando o contato entre escritores árabes e europeus intensificou-se (López García, 1997, p. 230).

No Brasil, nas primeiras décadas do século XX, as publicações do *Mahjar* eram editadas, principalmente, em árabe. Com o passar dos anos, passaram a contar, também, com páginas em português. A partir do estabelecimento do Estado Novo (1937-1945), revistas editadas em idiomas estrangeiros começaram a tornar-se escassas, em razão do clima de xenofobia que avançava no país e da política nacionalista do governo de Getúlio Vargas (1882-1954). Assim, se no início essas publicações eram voltadas, principalmente, para falantes de árabe, mais tarde comunicavam-se, também, com leitores brasileiros. Apesar de muitos intelectuais relacionados com a literatura do *Mahjar* escreverem árabe, outros tiveram produção expressiva em português, publicando livros de poesia, romances, crônicas e textos jornalísticos. Considerado, supostamente, o primeiro arabista do país, o jornalista brasileiro de origem síria Mussa Kuraiem (1894-1974) é um desses autores.

Kuraiem nasceu em São Simão, no interior de São Paulo, e foi enviado pela família para fazer bacharelado em Ciências e Letras no Colégio dos Padres Jesuítas, em Yabroud, na Síria. Dominava fluentemente português, árabe e francês e trabalhou como jornalista durante mais de cinco décadas, em meios como *O Estado de S. Paulo*, *Folha da Manhã*, *Folha da Noite* e *Jornal do Brasil*. Entrevistou líderes políticos e religiosos, incluindo reis e presidentes de nações do Oriente Médio. Realizou palestras sobre o Brasil na Academia de Letras de Damasco, Academia Nacional do Cairo e Associação de Imprensa do Líbano. Atuou como professor em instituições de ensino, escreveu para diferentes revistas e jornais editados por imigrantes árabes e fundou a revista *O Oriente*, em 1927. A publicação foi uma das mais longevas editadas por intelectuais de ascendência árabe no Brasil, circulando de forma ininterrupta durante 47 anos. Kuraiem cuidava de grande parte do trabalho editorial, contando com colaboradores fiéis, entre eles Bárbara Norton, Cunha Bueno Netto e Júlio Elito ². Além disso, escreveu 14 livros, entre eles *A psicologia de Napoleão* (1918), *Brasil e Oriente* (1927), *Os califas de Bagdá* (1942), *Leis do deserto* (1959), *O primeiro alfabeto* (1960), *Aconteceu em Damasco* (1945) e *Poetas e califas* (1961). Ele também realizou traduções para o português de escritores e poetas que escreviam em árabe, francês e inglês, entre eles obras de Khalil Gibran (1883-1931) e Chafiq Maluf ³.

Sua proximidade de figuras políticas e religiosas rendeu-lhe entrevistas realizadas com Gamal Abdel Nasser (1918-1970), presidente do Egito de 1954 a 1970, e o Papa João XXIII (1881-1963). Ele recebeu comendas e honrarias, entre elas a Ordem de São Silvestre, concedida pela Igreja Católica, e foi homenageado pelo presidente do Líbano, Camile Chamoun (1900-1987), e o rei Faiçal I (1883-1933), do Iraque. No Brasil, foi reconhecido com a Medalha Imperatriz Leopoldina, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP), e a Honra ao Mérito para Velhos Jornalistas, concedida pelo governo paulista. Faleceu em 12 de junho de 1974, com quase 80 anos. Sua esposa, Agnes da Silva Kuraiem, morreu dois meses depois. Eles não tiveram filhos.

Com a proposta de estabelecer pontes entre o Brasil, a Síria e o Líbano (*O Oriente*, abril, 1928, p.50), a revista *O Oriente* foi publicada até a morte de Kuraiem⁴. Junto com o jornal *Brasil-Líbano*, ela foi uma das poucas publicações da imprensa árabe que continuou a circular de forma periódica depois de 1941, quando o Estado Novo proibiu a edição de revistas e jornais em idiomas estrangeiros (Safady, 1949, p.20). *O Oriente* aborda assuntos variados, incluindo debates políticos, econômicos e educacionais, cobre a atuação de clubes associativos, a vida de intelectuais e personagens da alta sociedade. Traz notícias sobre a geopolítica do Oriente Médio, descreve visitas de embaixadores e cardeais, especialmente de nações árabes. Oferece informações sobre a vida social da

² Não foi possível identificar as datas de nascimento e morte de alguns personagens citados neste artigo.

³ Mussa Kuraiem traduziu o célebre livro *Abqar*, de Chafiq Maluf, diretamente do árabe para o português. O poeta alagoano Judas Isgorogota, pseudônimo de Agnelo Rodrigues de Melo, ficou responsável pela versificação. O trabalho rendeu a Isgorogota a Comanda do Mérito Literário Sírio, honraria concedida pelo governo da Síria (Menezes, 2024, p. 143).

⁴ O acesso às edições da revista *O Oriente* foi possível graças ao Projeto de Digitalização da Memória da Imigração Árabe no Brasil, uma parceria entre a Université du Saint Esprit de Kaslik, Jounieh, Líbano (USEK) e Câmara do Comércio Árabe Brasileira (CCAB). Parte das edições acessadas foi cedida pelo Projeto por meio de pastas contendo os números digitalizados. E outra parte do estudo foi conduzida por meio da plataforma do Khayrallah Center for Lebanese Diaspora Studies, que também facilita acesso a documentos do Projeto: <https://arabicsearch.org/browse-periodicals>.

comunidade de imigrantes e serve, ainda, aos interesses de Kuraiem. Na edição de maio de 1946, por exemplo, o jornalista agradece a um convite de casamento celebrado em Nova York, onde compareceu com a esposa, exalta o trabalho de empresários da indústria têxtil, anunciantes da revista, além de divulgar seus próprios livros (*O Oriente*, maio, 1946, p. 4).

Paradoxos e contradições constituem elementos centrais à análise da publicação. Se por um lado ela procura evidenciar, em editoriais, que o Alcorão é favorável aos direitos das mulheres, por outro, publica artigos que defendem que elas não devem trabalhar fora de casa. A revista busca desconstruir estereótipos sobre as sociedades árabes e informar o leitor brasileiro sobre a questão da Palestina, mas em inúmeras edições traz reproduções de poemas e pinturas repletos de beduínos no deserto, odaliscas e camelos. Dessa forma, faz contribuições ambivalentes à construção do imaginário brasileiro sobre os árabes, influenciada pelo pensamento de orientalistas euro-americanos e por imagens de filmes de Hollywood.

A armadilha dos estereótipos

Eterno anseio

Um oásis no deserto

Uma palmeira

Um punhado de tâmaras maduras

nenhuma sombra na planície inteira

só a mudez das estrelas nas alturas

Uma fonte cantando na pedreira

Tendo na voz carícias e ternuras

Um cântaro de barro sobre a esteira

Nenhum desejo mais

Nem mais torturas

E passa na distância a caravana levando ainda no olhar a visão da ventura que sonhara

fada moranga beduína

também eu dentro da vida realidade fujo e comovida

Em sonhos vou em busca do Saara

(...)

(*O Oriente*, junho 1948, p. 21).

Em editorial de 1946, Kuraiem enfatiza a urgência de desmistificar visões distorcidas sobre o mundo árabe, frequentemente marcadas por preconceitos e representações simplistas. O jornalista argumenta que persiste, no Brasil, uma visão estereotipada, que reduz os árabes a beduínos nômades:

(...) em relação ao grande povo árabe, que, não obstante ser titular das mais nobres tradições, e ter desempenhado tão brilhante papel na propagação da cultura mundial, mesmo assim é ainda tido, pelos ignorantes, como bárbaro, constituído de beduínos afeitos às aventuras dos desertos. (*O Oriente*, agosto, 1946, p. 1)

Contrapondo-se a essas imagens simplificadas, em diferentes editoriais e reportagens, *O Oriente* procura destacar a narrativa da integração bem-sucedida dos

imigrantes árabes. Relata, por exemplo, que a legislação brasileira era uma das mais liberais e protetoras a estrangeiros em todo o mundo, permitindo que sírios e libaneses se inserissem com sucesso na economia nacional (*O Oriente*, abril, 1928, p.50). A publicação aponta os mascates como personagens centrais nesse processo de assimilação, afirmando, ao mesmo tempo, que esses vendedores carregavam “mercadorias exóticas” e falavam uma “língua rude”:

A extraordinária, excepcional capacidade do sírio e do libanês para o trabalho, aí está patente nas realizações de cada indivíduo: da vida dura e obscura do mascate, de que eles não se pejam, não se envergonham – ascendem, sobem para a vida de proprietários de lojas. Estabelecem grandes empórios de todas as manufaturas. Levantam prédios grandiosos. Acomodam-se em residências luxuosas. Fundam indústrias de ramos os mais variados e com capitais enormes. Organizam, coletivamente, bairros que são um vasto arsenal de trabalho e um extenso mercado de todas as mais bizarras mercadorias. (*O Oriente*, abril, 1928, p. 50)

A narrativa da importância dos árabes à construção do Brasil moderno aparece em um discurso do então governador de Minas Gerais, Juscelino Kubitschek (1902-1976), reproduzido em *O Oriente*. Na ocasião, Kubitschek destacou os laços históricos entre o Brasil e a Síria, reconhecendo a contribuição dos imigrantes árabes para o desenvolvimento econômico e social do país:

Tradicionais e inquebrantáveis são os laços que prendem nosso povo ao da Síria, tecidos e multiplicados no decorrer de secular e fraterno convívio entre os filhos das duas nacionalidades. Trazendo-nos a meritória contribuição do seu espírito de trabalho e de iniciativa, os Sírios que se radicam no Brasil têm sido um dos valiosos fatores de desenvolvimento de nossa Pátria, podendo-se dizer que rara será a cidade brasileira em que a nossa gente, no sentido do progresso e do bem-estar, não se encontrem traços positivos da sua cooperação à comunidade. (*O Oriente*, abril, 1951, p. 19)

No livro *Aconteceu em Damasco*, de 1945, Kuraïem reforça a importância do comércio entre o Brasil e o Oriente Médio, enfatizando seu próprio papel na intermediação de relações comerciais: “Através das minhas palestras e dos meus artigos, tive o particular interesse de incentivar um intercâmbio de comércio entre a Síria, o Egito e o Brasil. Concentrei no café paulista a maior parte desse meu interesse” (Kuraïem, 1945, p.223). O jornalista relata, ainda, que os árabes compravam café de países europeus e que, por conta de seu trabalho de mediação, passaram a adquirir o produto de negociantes brasileiros: “Fui o primeiro e único brasileiro que realizou a confortadora missão de fazer uma propaganda do Brasil na Síria e no Egito, com despreensão e desinteresse”. (Kuraïem, 1945, p.224).

Ao mesmo tempo em que exaltava o papel dos árabes na sociedade brasileira, *O Oriente* frequentemente publicava poemas, exibia pinturas e fotografias que reforçavam o imaginário do Oriente Médio como um espaço exótico e sensual. Edição de 1946 traz uma pintura atribuída a Alex de Cayanel, com Cleópatra em seu palácio luxuoso observando os efeitos do veneno que deu a suas servas (*O Oriente*, setembro e outubro, 1946, contracapa).

Figura 1 – Contracapa



Fonte: *O Oriente*, setembro e outubro, 1946.

No mesmo ano, outro número mostra uma mulher vestida de odalisca acariciando um tigre, imagem que parece ter sido extraída de alguma produção cinematográfica de Hollywood (*O Oriente*, novembro 1946, capa). Em 1947, uma das fotos de destaque é de uma odalisca acorrentada, retirada do filme *Slave Girl*, estrelado por Yvonne De Carlo (1922-2007) (*O Oriente*, dezembro, 1947, p.46).

O viés exotizante também parece ter influenciado a forma como o Brasil era retratado. Em 1947, um texto da correspondente em Paris, Nadia Morlay, descreve a percepção da juventude francesa sobre o país, destacando a imagem de um lugar “sem passado, repleto de plantações de cana-de-açúcar e café e negros seminus trabalhando incessantemente”, ou uma nação com “grandes cidades inteiramente brancas, modernas e, atrás, (...) florestas impenetráveis” (*O Oriente*, dezembro, 1947, p.26). Essa visão, que reproduz preconceitos sobre a América Latina, reflete o duplo movimento da publicação: ao mesmo tempo em que buscava combater estereótipos, apropriava-se de discursos exotizantes sobre o mundo árabe e a própria identidade nacional.

Esse duplo movimento também se manifesta na forma como o islã era apresentado. Em relato de uma viagem à Síria, um engenheiro brasileiro mostra-se escandalizado, ao descobrir que brasileiras se casaram com muçulmanos praticantes da bigamia (*O Oriente*, abril, 1928, p.44). O depoimento enfatiza a associação do islã com práticas consideradas arcaicas, sem promover uma compreensão mais ampla sobre a sua diversidade.

A revista publicou, ainda, textos de autores como o historiador e sociólogo Alfredo Ellis Júnior (1896-1974), que reforçavam visões racistas sobre os sírios e libaneses. Ellis Júnior descreve os sírios como “beduínos do deserto” e mascates que “mercadejam a própria vida”. Segundo ele, os árabes falam um idioma “gutural e incompreensível”, possuem “espírito de submissão” e acreditam ser inferiores aos demais (*O Oriente*, 1951, p.8). Ele também associa esses estrangeiros ao alcoolismo, a problemas de saúde

nervosa e à criminalidade, afirmando que “o número de crimes e suicídios em que os sírios são protagonistas é elevadíssimo” (*O Oriente*, janeiro, 1951, p.10). Considerando esse contexto, a construção da narrativa do mascate como símbolo da resiliência dos imigrantes pode ser interpretada como uma resposta às representações depreciativas que circulavam no imaginário brasileiro e que, paradoxalmente, *O Oriente* parece ter ajudado a propagar.

A tensão entre a valorização da herança árabe e a construção de estereótipos também aparece em relatos de viagens que Kuraïem fez por diferentes países do Oriente Médio. Essas ambivalências são evidentes em edições especiais dedicadas ao Egito e à Síria, nas quais a modernização e a tradição emergem como um jogo constante de contrastes. Em edição especial sobre a Síria, Kuraïem descreve detalhadamente suas impressões sobre Damasco, Aleppo e Homs. Acompanhado pelo ministro sírio da Instrução Pública daquele país, Raif Mulki, e por Omar Abou Richeh, chefe da missão diplomática síria no Brasil, o jornalista enfatiza o choque entre a modernização arquitetônica, associada ao Ocidente, e a permanência de elementos tradicionais na paisagem urbana:

As linhas arquitetônicas são modernas, ou seja, de estilo ocidental, constituindo um paralelo sumamente agradável diante de Damasco tradicional, onde ainda predominam o camelo e o burro como veículo de comunicação, transitando em ruas cobertas que remontam a vários séculos, onde se veem os turbantes, o fez, o ukal, numa variedade de trajes encantadores. (*O Oriente*, fevereiro, 1951, p.15)

A justaposição de elementos modernos e tradicionais no relato reflete a visão dualista do autor sobre a cidade, que oscila entre a valorização da herança cultural e a necessidade de progresso e adaptação a modelos ditos “ocidentais”. Essa perspectiva é reforçada pela citação de um trecho do livro *Viagem ao Oriente*, escrito por Alphonse de Lamartine (1790-1969), em 1835. O fragmento idealiza o Oriente como um espaço sagrado e místico, em oposição ao imaginário de um Ocidente racional e pragmático:

Passei o dia em Damasco, percorrendo a cidade e as lojas (...). O Oriente é a terra dos cultos, dos prodígios e das superstições. (...) O povo sírio se acha alicerçado em costumes e leis inspiradas na religião. O Ocidente nunca foi assim. Porque sendo seu povo menos nobre e sendo descendente de bárbaros, ainda se ressentido de sua origem. As coisas no Ocidente não estão, realmente, no seu devido lugar”. (Lamartine, 1835, como citado em *O Oriente*, fevereiro, 1951, p. 24)

As viagens de Kuraïem pelo Oriente Médio também derivaram em livros, sendo um deles *Aconteceu em Damasco*, que se propõe a apresentar a Síria, o Líbano, o Egito e a Palestina a leitores brasileiros. O autor aproveita a passagem pelas localidades para abordar histórias, descrever costumes e a atuação de lideranças políticas. No capítulo de abertura sobre Damasco, ele afirma que o “aspecto oriental da cidade desapareceu por completo para dar lugar ao que é moderno” (Kuraïem, 1945, p.17). No trabalho, o jornalista também descreve as paisagens de cidades palestinas e conta a história do povo hebraico, chegando até os momentos que precederam a criação do Estado de Israel, em 1948.

Ambivalências também estão presentes no tratamento da questão feminina. Em Aleppo, Kuraïem destaca a “educação ocidental” das mulheres, ressaltando seu domínio

de línguas estrangeiras, a conquista do direito a voto e colocando-as como agentes do progresso social:

Desta forma começou a romaria das mulheres para as escolas, cursando as universidades, invadindo as redações dos jornais, fundando revistas e participando de vasto programa de atividades literárias, científicas e artísticas, além de movimento social típico do país, em prol da abolição do véu, conseguindo que a maioria da população Síria estendesse o seu olhar habitual sobre a cultura feminina, na mais verdadeira ação social. (*O Oriente*, fevereiro, 1951, p. 27)

Essa visão progressista é contraposta por outros textos da própria revista. Com um texto intitulado *Feminismo e trabalho*, a articulista Aida Anderi argumenta que a necessidade de a mulher trabalhar fora de casa representa um afastamento de seu papel essencial, como cuidadora do lar. Para Anderi, elas deveriam permanecer na esfera doméstica, “contribuindo para os valores morais e espirituais da família” (*O Oriente*, junho, 1948, p. 23)

Mensageiro entre mundos

Em um momento no qual a literatura árabe era praticamente desconhecida fora de círculos acadêmicos ou especializados, as traduções e ensaios de Kuraïem buscaram apresentar poetas e intelectuais célebres em seus países de origem a leitores brasileiros. Entre esses escritores, destaca-se Abu Nuwas (757–815), poeta clássico conhecido por sua poesia mística, libertina e hedonista. Kuraïem foi o primeiro a traduzir diretamente do árabe para o português alguns de seus poemas. Em ensaio elaborado a partir de palestra ministrada na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), que contou com a presença de políticos iranianos, ele enfatizou aspectos emotivos e místicos do poeta, omitindo, no entanto, referências à libertinagem e a temas profanos que também caracterizam a obra do autor (*O Oriente*, junho e julho, 1946, p.42). Essa escolha editorial sugere um esforço de adaptação da lírica do poeta para um público que talvez não estivesse preparado para lidar com imagens hedonistas disseminadas através de sua poesia.

Por outro lado, em seu livro *Poetas e Califas*, publicado em 1961, Kuraïem adota um tom distinto. Na obra, que reúne capítulos curtos para contar a história de personagens históricos do mundo árabe e muçulmano, Nuwas é descrito como o poeta do vinho e um homem que viveu em uma era “despida de preconceitos”, marcada por excessos, festividades e bebedeiras intermináveis (Kuraïem, 1961, p.58). No livro, o jornalista parece confortável em oferecer uma visão mais completa e profunda da obra de Nuwas.

Poetas e Califas também faz referências a figuras femininas. O livro menciona, por exemplo, Hind, filha do xeique Niman, assim como Aixa Bent Talha, descrita como a “primeira mulher árabe que pintou as unhas” e que promovia torneios poéticos em sua casa (Kuraïem, 1961, p.63). Outra figura mencionada é Wiladat, filha do califa al-Mustakfi, nascida em Córdoba no ano 860, que também organizava competições literárias. As menções parecem buscar evidenciar o papel ativo das mulheres no desenvolvimento da cultura árabe.

A trajetória de Kuraïem na difusão da história e da cultura árabe no Brasil revela um esforço de adaptação e mediação cultural. Seu trabalho constitui uma tentativa de

aproximar o leitor brasileiro do patrimônio literário árabe e uma estratégia de moldar essa recepção conforme as expectativas de diferentes públicos. No caso de Nuwas, por exemplo, a ênfase em sua faceta mística, em um primeiro momento, seguida por uma abordagem mais completa e libertina, em livro posterior, parece indicar um processo de negociação discursiva que buscava facilitar a assimilação da literatura árabe no país.

Outro ponto que merece atenção diz respeito ao imaginário de al-Andalus. Há um poema escrito em árabe ⁵, intitulado *O Orfanato Sírio é um Alhambra de grandeza*, que compara a instituição constituída em São Paulo com a “fortaleza de luz” do complexo monumental de Granada (*O Oriente*, setembro e outubro, 1946, p.21). Assim como o conjunto de edificações e jardins da Andaluzia, o orfanato paulistano “protege a pureza das almas inocentes”, funciona como um “refúgio para os oprimidos”, guia as crianças por um “caminho de amor e sabedoria”, “abrigoando a esperança nas nações” (*O Oriente*, outubro 1946, p.19).

Em *The Afterlife of Alandalus*, Cristina Civantos considera que nenhum outro período da história foi tão interpretado, manipulado e combatido como al-Andalus, de forma que mitologias sobre esse passado transformaram-se em novas narrativas. A autora destaca que mais de cinco séculos depois da queda do Emirado de Granada, al-Andalus ainda pode funcionar como um símbolo popular de paraíso perdido ou conflito religioso, conforme a perspectiva adotada: “Para alguns, representa um período de tolerância inter-religiosa e florescimento do conhecimento e das artes; para outros, evoca a intolerância sob o domínio muçulmano ameaçador (...) ou a consolidação do poder católico de forma opressiva (Civantos, 2017, p.5). No caso de *O Oriente*, esse período histórico aparece com viés idealizado e frequentemente vinculado a imagens estereotipadas.

A influência do orientalismo europeu na produção intelectual de Kuraïem é evidente em inúmeras referências. O francês Gustave Le Bon (1841-1931) é um dos autores mais citados (Kuraïem, 1961, p.87), assim como a história de Napoleão Bonaparte (1769-1821) a quem, inclusive, Kuraïem dedicou um livro inteiro. Ao abordar a falta de conhecimento do leitor brasileiro sobre o Oriente Médio, o prefácio de *Aconteceu em Damasco*, elaborado por Cunha Bueno Junior, descreve o assombro do imperador francês diante das pirâmides do Egito, afirmando que “(...) as viagens são prodigiosas quando feitas por homens ilustres” (Kuraïem, 1945, p.6) e comparando o gesto de viajantes como Napoleão ao movimento de Kuraïem em suas visitas ao Oriente Médio.

A introdução de *Poetas e Califas*, escrita por Cesar Salgado, também aponta para o desconhecimento dos brasileiros sobre os povos árabes. Salgado afirma que, nas estantes de intelectuais locais, não há trabalhos sobre esses povos e, quando há, é possível identificar somente obras de autores franceses como Lamartine, François-René de Chateaubriand (1768-1848) ou Gustave Le Bon: “Fora do círculo restrito de alguns iniciados, não há outros comemorativos da vida desse grande povo, senão o deserto” (Kuraïem, 1961, p.1). Segundo Salgado, no Brasil, ninguém sabe onde começa a realidade e onde termina a fantasia em relatos sobre os árabes e, nesse cenário de desconhecimento, ele elogia o trabalho de Kuraïem, afirmando que o jornalista é o primeiro arabista da literatura brasileira (Kuraïem, 1961, p.7). Ao destacar o papel de Kuraïem nesse diálogo, Salgado assegura que ele foi responsável pelo “maior intercâmbio entre os dois países, árabe e Brasil”, chamando árabe de país e evidenciando um ato falho

⁵ A leitura deste poema foi feita através de uma ferramenta de tradução de Inteligência Artificial.

ou o total desconhecimento que tinha do assunto. A *Revista da Semana - Viagem ao Líbano*, de 1956, também retrata Kuraïem como figura central nas relações culturais e comerciais entre o Brasil e o mundo árabe. Para comprovar essa relevância, a edição relata, por exemplo, que quando o ex-presidente José Café Filho (1899-1970) visitou Damasco, Kuraïem atuou como seu intérprete (*Revista da Semana - Viagem ao Líbano*, 1956, p.12).

Referências a autores vinculados ao pensamento orientalista europeu também aparecem na trajetória de outros intelectuais da diáspora árabe. O médico e poeta Jamil Almansur Haddad (1914-1988) prefaciou e organizou a tradução do *Livro das Mil e Uma Noites* para o português, baseado na versão francesa do médico, poeta e orientalista francês Joseph-Charles Mardrus (1868-1949). A obra foi traduzida por uma equipe de tradutores “consolidando-se como uma das principais edições em língua portuguesa da coletânea de narrativas” (*Pesquisa FAPESP*, abril de 2022). Em seu prefácio, escrito em 1958, ou seja, dois anos antes da publicação da coleção, Haddad menciona o trabalho de outros tradutores, como Antoine Galland (1646-1715) e Richard Francis Burton (1821-1890), assim como Aníbal Melo de Noronha e Faro, orientalista português que viveu em São Paulo. Nesse texto introdutório, ele afirma que o linguista francês Sylvestre de Sacy (1758-1838) é “o verdadeiro criador da filologia árabe” (Haddad, 1958, p.11). Sobre os árabes, ao analisar as narrativas da coletânea, Haddad comenta que:

(...) povos sexualmente insatisfeitos são os únicos capazes de fazer as grandes obras da concupiscência e do pecado (...). Só um povo de tão desesperante pobreza é que cria a imagem de tantos banquetes magníficos. (...) Só um povo de tão apeado às doloridas contingências da terra é que cria a imagem de um céu tão pejado de delícias. (Haddad, 1958, p. 13)

Tanto em Haddad como em Kuraïem, o intuito de mostrar o Oriente aos brasileiros é marcado por movimentos contraditórios. Nos livros de Kuraïem, histórias de personagens como o califa árabe Omar Ben Katáb e o poeta al-Mutanabbi, por exemplo, são acompanhadas por pinturas descontextualizadas de mulheres, muitas vestidas com trajes “orientais”. Movimentos desse tipo, assim como o processo de idealização de al-Andalus, a reprodução de figuras como odaliscas e beduínos, e a assimilação de discursos orientalistas evidenciam que as tentativas de mostrar o “verdadeiro Oriente” aos brasileiros, esteve muitas vezes, acompanhada por referências e estratégias narrativas que reforçaram visões orientalistas.

Para Wail S. Hassan, as imagens orientalistas disseminadas no Brasil manifestam-se “de forma ternária, distinta do modelo binário euro-americano” (Hassan, 2024, p.2). O autor explora a representação do imigrante árabe na ficção brasileira e sua relação com a construção da identidade nacional, sustentando que o Orientalismo euro-americano baseia-se na dicotomia entre Oriente e Ocidente, na qual o Oriente é construído como o oposto do Ocidente, servindo como uma imagem espelhada para justificar a colonização e o domínio europeu. Já o Orientalismo brasileiro é definido em relação a dois outros: o Norte (Europa e América do Norte) e o Leste ou Sul (África e mundo árabe) (Hassan, 2024, p.2). Com reflexão similar, Ella Shohat e Robert Stam indicam a existência do que eles denominam Orientalismo tropical no país, um imaginário que remonta à presença árabe-muçulmana e Sefardita na Península Ibérica, que foi transmitida ao Brasil através da colonização portuguesa (Shohat e Stam, 2012, p.122). Segundo os autores,

esse olhar manifesta-se em produções culturais, costumes e práticas que denotam um fascínio nostálgico pelo Oriente e uma ansiedade em relação à modernização e ocidentalização do Brasil.

De fato, em algumas situações, as dicotomias presentes na relação dos europeus com os árabes perdem força quando analisamos imagens orientalistas que circularam no Brasil a partir dos escritos de certos autores da segunda geração de imigrantes que são o objeto principal desta análise. No caso de Haddad, há um movimento no qual o poeta usa o imaginário orientalista para dar vazão a seu hedonismo. Em seu primeiro livro, *Alkamar, a Minha Amante* (1935), o erotismo surge de forma explícita e associado a referências como “turcas de olhos grandes”, “alcovas”, “haréns” e “orgias”. O livro causou constrangimento na crítica da época e levou Haddad a ser taxado de poeta pornográfico. Mais tarde, em *Orações Negras* (1939), imagens do universo sagrado são utilizadas para abordar temas hedonistas e a figura da amante assume dois aspectos: fantasma intangível e corpo que arde. Há, por exemplo, um poema em que Jesus ressuscita mulheres mortas que “cantavam, dançavam e amavam na vida” (Haddad, 1939, p.43). Os críticos, frequentemente, associaram o erotismo da obra de Haddad às suas origens árabes: “Somente um oriental seria capaz de, em lugar de se afastar com horror, transformar a hemoptise numa flor que abre suas pétalas vermelhas sobre a brancura dos lençóis ou sobre a nudez estelar de um corpo agonizante” (Roger Bastide, conforme citado em Queiroz, 2022, p. 69) ⁶.

Apesar das ambivalências, é inegável que tanto Kuraieim quanto Haddad desempenharam papel relevante à circulação da literatura árabe no Brasil. Na introdução de *Aconteceu em Damasco*, Cunha Bueno Junior afirma que Kuraieim “ajudou a dilatar as fronteiras intelectuais da pátria” e foi “brasileiro no Oriente e oriental no Brasil” (Kuraieim, 1945, p.222), destacando a palestra que ele realizou sobre o Brasil na Academia de Letras de Damasco, onde estiveram presentes cerca de 500 pessoas. *Aconteceu em Damasco* também traz a repercussão do lançamento de *Os Califas de Bagdá*, com trechos de comentários de críticos, artistas, escritores e políticos como Agripino Grieco (1888-1973), Altino Arantes (1876-1965), Mario Carneiro (1930-2007), Armando Calil (1915-1999), Clovis Bevilacqua (1859-1944) e Monteiro Lobato (1882-1948). Este último afirma, inclusive, que os livros de Kuraieim “pintam os árabes tão bonitos que dá vontade de fazer as malas e ir morar num oásis” (Kuraieim, 1945, p.238). Lobato destaca que Kuraieim deve prosseguir com “a divulgação dos primores da arte e do pensamento dos árabes, com os quais muito tempos que aprender” (Kuraieim, 1945, p. 239). Jornais como *A Noite*, *Folha da Manhã*, *O Estado de São Paulo* e *Diário Popular* também publicaram resenhas elogiosas ao livro. Todos esses elementos indicam que Kuraieim foi um autor que não passou incólume por escritores, jornalistas e intelectuais brasileiros.

Palestina para brasileiros

⁶ Roger Bastide, *As Raízes Árabes da Poesia de Jamil Almansur Haddad*, em *Exclusividade da InterAmericana para a Folha da Manhã no Estado de S. Paulo*. O recorte de jornal foi encontrado no espólio de Haddad e não apresenta referências quanto à data de publicação.

Nos parágrafos anteriores, analisamos situações em que *O Oriente* disseminou imagens do mundo árabe por meio de um viés repleto de paradoxos. No entanto, essas contradições são menos evidentes quando olhamos para a forma como a revista debateu a questão palestina. Especialmente a partir da década de 1940, quando o tema se tornou central na geopolítica do Oriente Médio, a publicação passou a acompanhar os desdobramentos da partilha da região, assumindo uma postura de forte engajamento em defesa da causa árabe. Esse posicionamento era enfatizado por meio da tradução de artigos de intelectuais e políticos do mundo árabe, vertidos por Kuraïem para o português, além de editoriais que procuravam ecoar um discurso pan-arabista e anticolonial para o leitor brasileiro.

Em 1946, Kuraïem editou um número inteiramente dedicado à Palestina. Com a capa mostrando uma imagem ilustrada da Igreja do Santo Sepulcro, a revista adota um tom incisivo contra o plano de criação de um estado judeu na região. Entre os textos publicados, destacam-se os de Amin al-Husseini, mufti de Jerusalém, Faiz Saig, professor da Universidade Americana de Beirute, e Riad Bey Solhe, ministro das Relações Exteriores do Líbano (*O Oriente*, dezembro, 1946, p.5). Já a edição de outubro de 1947 aprofunda o engajamento do jornalista na luta contra a partilha da Palestina, destacando a campanha do Movimento Pró-Libertação dos Povos Árabes, promovida por Kuraïem e outros intelectuais em países da América Latina e do Oriente Médio. O movimento era fundamentado no princípio da autodeterminação dos povos, rejeitando qualquer tipo de dominação estrangeira. Em editorial de sete páginas, Kuraïem escreve que a campanha busca repelir toda ambição de conquista e libertar os países do Oriente Médio do jugo estrangeiro:

Estas palavras mesmas são as que nos inspiram, ao nos dirigir agora aos povos e governos das Nações Unidas e às suas delegações reunidas em uma Assembleia Geral, convocada especialmente para estudar, uma vez mais, o problema da Palestina. (...) não odiamos a nenhum povo; só queremos paz, liberdade, justiça, para nosso povo e para todos os povos. (*O Oriente*, outubro 1947, p. 21)

O texto reivindica o apoio da comunidade internacional para impedir a criação do Estado de Israel, argumentando que essa decisão comprometeria não apenas os árabes palestinos, mas também os princípios universais de soberania nacional e autodeterminação dos povos:

Todos os povos que têm lutado no passado ou lutam no presente para obter sua emancipação, devem rogar aos árabes da Palestina, em suas justas reivindicações, porque a libertação da Palestina é uma parte da libertação dos povos árabes, e a libertação dos povos árabes é uma parte da libertação de todos os povos, uma parte da libertação do homem, em todos os recantos da Terra. (*O Oriente*, outubro 1947, p. 5)

Essa perspectiva pan-arabista é reforçada na edição de janeiro de 1948, que defende o direito da população palestina de permanecer em seu território. O editorial do número rejeita qualquer concessão à criação de um Estado judeu, alertando para os impactos demográficos e sociais de tal acontecimento: “Os árabes se recusam a uma

tentativa de estabelecer um estado judaico de uma só milha quadrada na Palestina como também à tentativa de estabelecê-lo em todo o país". (*O Oriente*, janeiro, 1948, p. 1).

Além disso, a edição antecipa os desafios que surgiriam com a criação do Estado de Israel, prevendo que a população árabe nativa seria gradualmente deslocada, tornando-se um proletariado sem terra ou sendo levada ao exílio. A revista alerta, ainda, para a possibilidade de uma "neurose coletiva de cerco" entre os árabes, que poderia derivar para uma reação agressiva defensiva (*O Oriente*, abril, 1948, p. 14).

O Oriente também denunciou eventos violentos, como a destruição da Mesquita Al-Aqsa, em Jerusalém, e a explosão da sede do Exército Árabe de Libertação pelo Haganá. A edição que narra esses episódios traz imagens de estruturas destruídas e cita fontes da imprensa do Cairo, que acusavam grupos sionistas de atacar monumentos religiosos árabes (*O Oriente*, abril, 1948, p. 14).

O posicionamento de *O Oriente* sobre a causa palestina parece inserir-se em um debate mais amplo sobre direito internacional. Nesse sentido, o jornalista Mario Pinto Serva, colaborador habitual da publicação, publicou um artigo contestando a legalidade da criação do Estado de Israel, argumentando que a justificativa histórica para a reivindicação sionista não se sustentava juridicamente:

(...) permitir a reivindicação de um direito prescrito há já vinte séculos, se é que existiu, é tirar a base de todas as nacionalidades modernas, sem exceção de uma só. (...) Os judeus reais são os indivíduos que nasceram na Palestina. Esses que há vinte séculos residem na Europa não são judeus, são crentes na religião do Velho Testamento. A Ásia Menor pertence aos árabes. E a Palestina há doze ou treze séculos é por eles habitada. (...) Do contrário, nenhum povo atual tem direito aos países e territórios que habita. (*O Oriente*, junho, 1948, p. 33)

O discurso reflete a visão predominante em *O Oriente*, que associava a criação de Israel a um projeto imperialista e considerava a resistência árabe como parte de um movimento global de descolonização. A abordagem da revista sobre a questão palestina revela uma forte identidade política pautada na defesa da soberania árabe e no combate à expansão sionista. Ao mesmo tempo, a publicação procura informar o público brasileiro sobre os desdobramentos do conflito, traduzindo artigos de intelectuais árabes e promovendo uma leitura da questão alinhada ao discurso pan-arabista. Dessa forma, por meio de editoriais e artigos, Kuraïem esclarece o conflito palestino e engaja a comunidade árabe no Brasil em um movimento de resistência transnacional.

O (não) lugar dos escritores do *Mahjar* na historiografia literária

Apesar de ter editado uma revista durante quase 50 anos, publicado ao menos 14 livros e circulado entre a intelectualidade e políticos do Brasil e o Oriente Médio, não há referências ao trabalho de Kuraïem em alguns livros centrais da historiografia literária brasileira que, por sua vez, fazem escassas menções a outros autores vinculados à diáspora. *História da literatura brasileira*, de Nelson Werneck Sodré, *Pontos de vista*, de Wilson Martins, *A literatura no Brasil*, de Afrânio Coutinho, *Obra Crítica*, de Araripe Junior, *História concisa da literatura*, de Alfredo Bosi, não fazem apontamentos sobre Kuraïem e tampouco sobre Haddad. Também não há qualquer referência a Emil Farhat (1914-2000), romancista de ascendência libanesa que escreveu livros alinhados com o imaginário

engajado de romances da década de 1930. Em 1988, Farhat venceu o Prêmio Jabuti, com a obra *Dinheiro na Estrada – Um saga de imigrantes* (1986), que conta a história de uma mãe libanesa separada de seus seis filhos imigrados ao Brasil. Ele também é autor de *Cangeirão*, publicado em 1939 e que venceu os prêmios Lima Barreto e João Cordeiro. Farhat reescreveu este livro seis vezes em três anos, antes de publicá-lo. As primeiras edições esgotaram-se em poucos meses e o romance chegou a ser censurado pelo Estado Novo. Uma terceira edição saiu à luz somente 25 anos depois da primeira publicação. A obra conta a história de um menino de rua que, apesar de miserável, é letrado e possui uma consciência de classe exemplar. Aborda a luta do garoto contra diferentes tipos de patrões ricos e opressores de classes populares. Farhat também traduziu, entre outros, o livro *A vida íntima de Napoleão*, de Arthur Levy e *A voz do mestre*, de Khalil Gibran, em colaboração com Tárík de Souza Farhat.

Já *Formação da Literatura Brasileira*, de Antônio Cândido, traz menções pontuais à obra crítica de Haddad, enquanto *Telefonema*, de Oswald de Andrade, cita o trabalho deste autor como tradutor de *As flores do Mal*, de Charles Baudelaire (1821-1967). No universo da crítica literária brasileira, Haddad parece ser o autor mais mencionado, mas as citações se concentraram em sua produção crítica e ensaística. As raras referências a seu trabalho poético taxam sua poesia como “oriental”, “barroca”, “menor” e “passadista” (Queiroz, 2022, p.56). Em seus *Diários Críticos*, Sérgio Milliet cita Farhat, o “romancista áspero de *Cangeirão*” (Milliet, 1946, p. 248), ao abordar o lançamento de *Os homens sós* (1945). Milliet analisa que neste livro não há um enredo vivo, de forma que o trabalho fica “no plano da reportagem” (Milliet, 1946, p.249). O crítico dedica um parágrafo a Farhat, relatando aspectos de sua biografia. Nascido em Maripá (MG), ele fez direito e escreveu para os *Diários Associados* e o *Globo*, além de atuar como publicitário.

Também nos *Diários Críticos*, Milliet menciona o livro *Pecado nos Trópicos* (1955), de Cecílio Carneiro, afirmando que este trabalho apresenta qualidade inferior à primeira obra do escritor, intitulada *Fogueira* (1942), que foi publicada pela Editora José Olympio: “Como romance de estreia o livro (...) houvera impressionado bem, em especial pela preocupação em ventilar novo e perigoso tema [dos sírios no Noroeste de São Paulo]” (Milliet, 1948 e 1949, p.251). Milliet também aborda o poema de Haddad, *Balada das pálpebras azuis*, dizendo que a poesia deste autor apresenta um “gosto oriental, abundante, excessivo mesmo, imaginoso, sensual e com certos versos curiosos pela sua liberdade modernista em contraste com a inspiração romântica” (Milliet, 1948 e 1949, p.299).

Considerados mensageiros entre mundos, vinculados ao processo de Renascimento da literatura árabe, criadores de vertentes de um Orientalismo *sui generis*, tradutores de poetas e da história de países árabes, autores como Haddad, Kuraïem, Farhat e Carneiro parecem não ter encontrado um lugar ao sol na historiografia literária brasileira, segundo indica levantamento preliminar realizado para este artigo. Uma das hipóteses para explicar essas lacunas, que ainda precisa ser mais bem investigada, pode estar relacionada com o fato de que a pujança desses escritores da diáspora árabe aconteceu em momentos nos quais o país estava empenhado em definir a sua própria identidade literária nacional. Mesmo escrevendo em português, eles foram lidos como árabes ou, pejorativamente, como turcos e, assim, compreendidos como estrangeiros, ficando de fora do rol de escritores nacionais. Essa ideia se evidencia, por exemplo, nas desavenças que Haddad teve com Oswald de Andrade, nas quais o escritor modernista insistiu em classificá-lo como poeta turco (Queiroz, 2022, p.125). Sua lírica foi

frequentemente considerada verborrágica e inclassificável e a crítica dividiu-se entre analisar as tendências “orientais” ou brasileiras de seus livros. Poeta com “raízes árabes”, de “verve oriental”, que fez uma “descida longitudinal da raça” com seus versos “passadistas” e “sensuais” foram alguns dos termos usados para definir o trabalho poético do autor (Queiroz, 2022, p.15). Além disso, parece ter existido uma tensão com o meio literário brasileiro e, em especial, com os escritores modernistas. Em tom provocativo, carregado de ironia, a introdução de *As Mil e Uma Noites*, escrita por Haddad, tece um comentário sobre Monteiro Lobato, criticando a suposta limitação fantasiosa de seus trabalhos e questionando o “patriotismo indígena” da crítica literária brasileira:

Os relatos de Chahrazad podem estar na base de Perrault, de Andersen, de Grimm. Em certa medida, no nosso Monteiro Lobato: na medida em que ele não se didatiza, passando a explicar inegavelmente, com estilo e humor, geologia, aritmética, gramática, reescrevendo em graça o Quixote. Didatismo que se o aparta do conto de fadas e portanto das Mil e Uma Noites, não deixa de constituir um apequenamento relativo da imaginação em relação aos outros citados. O que – perdoe-nos o patriotismo indígena – não pode deixar de ser assinalado. (Haddad, 1961, p. 16)

Rita Terezinha Schmidt no artigo *Centro e margens: notas sobre a historiografia literária* aborda as transformações na teoria literária contemporânea e seus impactos em estudos históricos da literatura. Ao discutir a influência de fatores sociais, políticos e ideológicos na produção e interpretação de textos, a autora critica, por exemplo, a noção de belo como critério para definir grandes obras e afirma que o questionamento da linearidade evolutiva da história abriu espaço para o reconhecimento de autores que foram invisíveis à crítica literária. Nessa dinâmica de revisitações, em que, por exemplo, autores indígenas e afrodescendentes começam a ser incorporados ao cânone, as trajetórias de escritores de ascendência árabe atuantes no século XX podem ajudar a compreender processos de pertencimento e construção de identidades literárias que se desenvolveram em meio a fronteiras, diásporas e hibridações do Sul Global.

Figura 2 – Mussa Kuraïem contempla mapa antigo da Palestina, durante uma das viagens realizadas pelo Oriente Médio



Fonte: *O Oriente*, agosto 1974, p. 90.

Referências bibliográficas

- Amoroso Lima, A. (1959). *Quadro sintético da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora.
- Andrade, O. de. (2007). *Telefonema* (V. M. Chalmers, Org.). São Paulo: Globo.
- Bastide, R. (s.d.). As raízes árabes da poesia de Jamil Almansur Haddad. *Exclusividade da InterAmericana para a Folha da Manhã no Estado de S. Paulo*.
- Boaventura, M. E. (1990). *Os dentes do dragão*. São Paulo: Editora Globo.
- Bosi, A. (2006). *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix.
- Candido, A. (2009). *Formação da literatura brasileira: Momentos decisivos*. São Paulo/Rio de Janeiro: FAPESP/Ouro sobre Azul.
- Civantos, C. (2017). *The afterlife of al-Andalus: Muslim Iberia in contemporary Arab and Hispanic narratives*. Nova York: State University of New York Press.
- Coutinho, A. (Org.). (2004–2008). *A literatura no Brasil* (Vol. 6). São Paulo: Global Editora.
- Farhat, E. (1939). *Cangeirão*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Farhat, E. (1986). *Dinheiro na estrada: Uma saga de imigrantes*. São Paulo: T. A. Queiroz.
- Haddad, J. A. (1935). *Alkamar, a minha amante*. São Paulo: Livraria Editora Record.
- Haddad, J. A. (1039). *Orações negras*. São Paulo: Livraria Editora Record.
- Hassan, W. S. (2024). *Arab Brazil: Fictions of ternary orientalism*. Nova York: Oxford University Press.
- Júnior, A. (1958). *Obra crítica* (A. Coutinho, Ed.). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, MEC.
- Kuraiem, M. (1945). *Aconteceu em Damasco*. São Paulo: Editora Oriente.
- Kuraiem, M. (1961). *Poetas e califas*. São Paulo: Editora Oriente.
- López Garcia, B. (1997). *El mundo árabo-islámico contemporáneo: Una historia política*. Madrid: Síntesis.
- Martínez Lillo, R.-I. (2009). El mahyar del ayer al hoy: Dimensión literaria y cultural. In *Contribuciones árabes a las identidades iberoamericanas*. Madri: Casa Árabe-IEAM.
- Martins, W. (1959). *Pontos de vista: Ensaio e críticas*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Menezes, M. (2024). *Legado de um certo Oriente: A Revista da Liga Andaluza de Letras Árabes (1935–1953)* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8165/tde-07112024-113321/pt-br.php>
- Milliet, S. (1981). *Diário crítico*. Vol. II: Janeiro de 1943. São Paulo: Martins/Edusp.
- Milliet, S. (1981). *Diário crítico*. Vol. VIII: 1951 e 1952. São Paulo: Martins/Edusp.
- Milliet, S. (1981). *Diário crítico*. Vol. V: 1946. São Paulo: Martins/Edusp.
- Milliet, S. (1981). *Diário crítico*. Vol. VI: 1948. São Paulo: Martins/Edusp.
- Milliet, S. (1981). *Diário crítico*. Vol. VII: 1949. São Paulo: Martins/Edusp.
- Milliet, S. (1952). *Panorama da moderna poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, Serviço de Documentação.

- O livro das mil e uma noites. (s.d.). *Edição Saraiva*. São Paulo: Saraiva.
- O Oriente*. (1928–1974). Edições: abril de 1928; maio, junho-julho, setembro-outubro, novembro e dezembro de 1946; outubro e dezembro de 1947; janeiro, abril, junho-julho de 1948; janeiro, fevereiro e abril de 1951; agosto de 1974.
- Queiroz, C. S. de. (2022). *A lua do Oriente e outras luas*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Revista da Semana*. (1956). Viagem ao Líbano. Rio de Janeiro.
- Revista Pesquisa FAPESP*. (2022, abril).
- Safady, J. S. (1949). *Antologia árabe do Brasil*. São Paulo: Editora Comercial Safady.
- Schmidt, R. T. (2008). Centro e margens: Notas sobre a historiografia literária. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, (32), 127–141.
- Shohat, E., & Stam, R. (2014). Tropical Orientalism: Brazil's race debates and the Sephardi-Moorish Atlantic. In P. Amar (Org.), *The Middle East and Brazil: Perspectives on the New Global South*. Bloomington: Indiana University Press.
- Sodré, N. W. (1982). *História da literatura brasileira*. São Paulo: Difel.
- Souza, M. C. de. (2010). *A imprensa imigrante: Trajetória das comunidades imigrantes em São Paulo*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- Vernet, J. (2002). *Literatura árabe*. Barcelona: El Acantilado.

DOI desta publicação: <https://doi.org/10.34024/ws1j623>.